

O FALIBILISMO COMO SÍNTESE DIALECTICA ENTRE DOGMATISMO E CETICISMO

FALIBILISM AS A DIALECTICAL SYNTHESIS BETWEEN DOGMATISM AND SKEPTICISM

Remi Schorn*

RESUMO: Objetivamente, dogmatismo e ceticismo são os extremos que perfazem os limites do campo no qual acontecem os exames mais produtivos. O ceticismo extremo constitui a própria desistência de qualquer forma de segurança teórica e sempre defende a inanidade do debate. O ceticismo extremo coabita o universo dogmático, portador de um tipo especial de certeza que garante não haver resposta satisfatória aos enigmas do mundo. O dogmatismo extremo coabita o universo cético, portador de um tipo especial de descrença de que haja enigmas insondáveis ao pensamento. Em tal universo, como podemos decidir pela aceitação ou não de proposições? Quais, dentre elas, são as verdadeiras? O falibilismo pretende ter avançado relativamente a estas questões, nele há postura crítica relativamente a qualquer possibilidade de verdade e, ao mesmo tempo, persegue a idéia regulativa da verdade. Se o ceticismo, em toda a história do pensamento ocidental, foi o princípio motivador da transformação filosófica e, portanto, das respostas pretensamente verdadeiras aos grandes enigmas da existência, agora ele não é mais o mal que

* Doutor em Filosofia PUC-RS e Universidade de Lisboa – Professor Unijuí – Email remi@unijui.edu.br

precisa ser eliminado. Reconhecemos o falibilismo como síntese desse exótico e contraditório par conceitual que encontra na diferença a fonte nutriz da filosofia.

Palavras-Chave: Dogmatismo. Verdade. Ceticismo. Falsificabilidade.

“Nossa principal tarefa filosófica e científica deve ser a busca da verdade.”
Karl Popper

Os *αἰῶναιόεῖε* *οἰοῖ* e seus opostos na cena teórica grega, os *ὀρθόδοξοί* *οἰοῖ* ou *ἀσπασμάτιοι* *οἰοῖ*, iniciaram um debate que perpassa toda a história do pensamento ocidental e pode ser identificado com a própria filosofia. Se os filósofos dogmáticos propuseram teorias com a pretensão de dar conta das grandes questões que desafiam o intelecto humano, os filósofos céticos ou examinadores se encarregaram de avaliar e discutir racionalmente à luz da compreensão de que sempre as tentativas podem estar erradas. Objetivamente, dogmatismo e ceticismo são os extremos que perfazem os limites do campo no qual acontecem os exames mais produtivos. O dogmatismo se nutre de princípios rigidamente estabelecidos, dos quais extrai doutrinas que fundamentam opiniões tão mais valorizadas quanto mais rigorosamente inferidas da origem dogmática. O ceticismo extremo constitui a própria desistência de qualquer forma de segurança teórica e, mesmo em suas mais dedicadas discussões, sempre defendeu a inanidade de tal debate. Os céticos extremos – tanto os defensores de sua posição como postura prática perante o mundo, quanto os defensores de que se trata de uma postura teórica – não estão empenhados na ampliação do conhecimento; pelo contrário, julgam-na impossível. Dito de outro modo, o ceticismo extremo coabita o universo dogmático, portador de um tipo especial de certeza que garante não haver resposta satisfatória aos enigmas do mundo, que tais enigmas são frequentes e que a filosofia racional, por mais aguerrida que seja, não é capaz de solucioná-los. Já o dogmatismo extremado, ao propor princípios definitivos e inquestionáveis, reafirmando-os incansavelmente, acaba por permitir uma forma especial de ceticismo, disposto a não dar crédito

fácil às novas formulações teóricas. Ambas as posturas, dogmatismo e ceticismo extremos, sugerem o fim da filosofia e, ao fazerem-no, renovam sua necessidade. O dogmatismo aparece nas formulações fundacionalistas que encontraram, seja no mundo das idéias perfeitas, seja em Deus ou na razão pura, base para erigir um edifício inabalável, enquanto as correntes céticas ironizam tais fundamentos e sustentam acesa a chama da insatisfação e da crítica viva, desde os sofistas e Pirro até Hume e os contemporâneos.

Contudo, o grande campo que separa os extremos é a arena onde ocorre a infindável disputa e, ao mesmo tempo, a complementaridade entre ambas as posturas. Se Sócrates sabia que nada sabia, a implicação e indissociabilidade entre as posturas dogmáticas e céticas já aí estavam manifestas. Se Platão propôs um mundo das idéias perfeitas foi para afirmar a condição da razão cognoscente em resposta às inquietações produzidas pela razão questionadora. É verdade, contudo, que tanto Sócrates considerava a indagação uma via para conceber conhecimento quanto Platão se debateu com os questionamentos e só por isso propôs um sistema pretensamente definitivo.

Foi também em resposta à sua insatisfação com a ignorância que decorre do ceticismo extremado tanto quanto do dogmatismo que Aristóteles produziu suas mais valorosas contribuições para a filosofia e a ciência. Seu princípio de não-contradição deu origem à teoria lógica da verdade e à teoria correspondencial, cuja conseqüência é a teoria epistemológica da verdade, que balizou o pensamento ocidental e, apesar disso, modernamente, foi colocada sob suspeita e, depois, reabilitada. Aristóteles propôs atribuir valor de verdade ou falsidade de acordo com a adequação ou inadequação da asserção à realidade e seu critério pode ser assim expresso: uma asserção é verdadeira quando afirma do que é que é, e quando afirma do que não é que não é; contudo, ela é falsa quando afirma do que não é que é e do que é que não é. Com essa formulação, Aristóteles criou as condições para a concepção semântica da verdade, segundo a qual, um enunciado é verdadeiro se há correspondência entre o que ele afirma e aquilo sobre o que ele afirma. Segundo Aristóteles, cumpre em primeiro lugar definir o nome e o verbo, então, a

negação e a afirmação, a proposição e o juízo. Para ele, as palavras faladas são símbolos das afecções da alma, e as palavras escritas são símbolos das palavras faladas. E, como a escrita não é igual em toda parte, também as palavras faladas não são as mesmas em toda parte, ainda que as afecções da alma, de que as palavras são signos primeiros, sejam iguais, tal como são iguais as coisas de que as afecções referidas são imagens.¹ Este texto trata do que se pode chamar de contingências futuras, sobre a relação entre natural e convencional, universais e particulares, frases declarativas e oposições entre frases declarativas; portanto, sobre contrariedade e contraditoriedade das proposições. Em um tal universo, como podemos decidir pela aceitação ou não de proposições? Quais, dentre elas, são as verdadeiras? Aristóteles forneceu uma formulação correspondencial, mas o problema é saber em que consiste a correspondência. Como proposições e fatos se correspondem se os últimos não podem ser demonstrados com o auxílio das formulações de Euclides, Gödel, Tarski e seus seguidores?

Santo Agostinho, um leitor de Platão, dedicou-se a reforçar a dimensão dogmática e pretendeu ter vencido o ceticismo com a definição de que a fé é o método para alcançar o conhecimento da origem de todas as verdades. Ao submeter a razão à condição de escrava da fé, estabeleceu que conhecer implica o pré-requisito da devoção à origem do conhecimento e ao poder de atribuição da verdade, cabendo aos homens o exercício incansável do culto a esse absoluto. O ceticismo manifestava a falta de fé e a crítica manifestava a incapacidade para a percepção da verdade clara e perfeita de Deus como fonte da verdade. As perguntas filosóficas tradicionais foram todas respondidas com precisão. Perguntas como “De onde viemos?”, “Quem somos?”, “Para onde vamos?” já não faziam mais sentido, por isso, a resposta agostiniana foi teológica e verdadeira em *A cidade de deus*. Thomas de Aquino, em sua *Suma teológica*, reabilitou a razão e a igualou em importância à fé, mantendo, no entanto, assimetria entre ambas, apesar de sustentar que não deve haver contradição entre uma e outra, posto que, ambas conduzem a Deus. A crítica racional, porém, continuou excluída do sistema de idéias de Aquino e,

¹ Cf. ARISTÓTELES. *Órganon*, p. 129a/130a.

assim, tanto a fé como a razão estiveram empenhadas na explicação da verdade como *adequatio rei et intellectus*, que agora ganhava amplitude e parecia inibir de vez o ceticismo. Já não bastava pregar a verdade da resposta às perguntas filosóficas gregas, tornara-se necessário garanti-la e a razão parecia uma ferramenta indispensável.

No entanto, a chama cética continuou queimando ou, como fênix, o fogo da crítica renasceu, e no mundo em que habitaram os primeiros modernos, estabeleceu-se nova relação com os absolutos. A verdade passou a ter uma conotação lógica e todo o conteúdo de verdade é conteúdo de pensamento, se adequa às leis formais e se coaduna em um pensamento racionalista, sendo lógico por ser ontológico e ontológico por ser lógico. Há, agora, um pensamento da realidade e a verdade de tal pensamento é a verdade da realidade que, por sua vez, é a verdade da realidade do pensamento. Nesse universo da lógica e ontologia indissociáveis, o problema moderno se coloca aos racionalistas: como articular verdades racionais com verdades empíricas? O ceticismo pregara historicamente que o objeto é inapreensível pelo sujeito senão de forma relativa e mutante, até porque, segundo a teoria, se houvesse conhecimento seguro, livre de questionamentos, aceito de forma pura e simples, não haveria mais mudanças em seu conteúdo.

Descartes inaugurou uma tradição que implica o ceticismo e retoma o diálogo produtivo de forma a inseri-lo, ao menos de modo parcial, em sua doutrina. Os gregos clássicos, após um período inicial de forte apego dogmático à verdade, mantiveram debate com o ceticismo dentro dos muros da Academia, como testemunham Arcesilau² e Carnéades.³ Os medievais expulsaram o ceticismo dos Mosteiros e apegam

² Arcesilau dirigiu a academia platônica após a morte de Crates, foi amigo de Teofrasto, Pólemo e Crates; provavelmente conheceu Pirron, fundador do ceticismo, e Diodoro. Ele nada escreveu, sabemos, entretanto, que atacou todos os dogmatismos e, em particular, o estoicismo. Para ele, não existe a representação compreensiva, sobre a qual os estóicos apoiavam a certeza ou a ciência. A única saída que se oferece ao sábio é a de suspender o seu juízo, pois nem os sentidos nem a razão podem alcançar a verdade; o sábio deve, portanto, abster-se e duvidar sempre. Arcesilau apresenta como critério da vida prática e razoável as ações que se ajustem entre si, formando um todo coerente e justificável. Por aqui se vê que Arcesilau não é um cético no sentido rigoroso do termo, visto que se quer sempre filósofo acadêmico.

ram-se aos dogmas da revelação; no entanto, o início da modernidade trouxe consigo o convite para que também essa posição teórica pudesse dizer da sua relevância. Em sintonia com as grandes transformações, seja no âmbito das doutrinas religiosas, seja na arte, ou na ciência, Descartes se propôs a introduzir certo ceticismo (que aqui chamamos fantástico) em sua teoria do conhecimento. Expliquemos melhor isto. Descartes usou a dúvida cética com demasiado ceticismo: pontualmente, ele lhe confiou a destruição das certezas sensíveis com a finalidade de, sobre a terra arrasada, levantar seu edifício na pedra firme do *cogito*. Contudo, antes de iniciar a obra de reconstrução, substituiu a postura cética pela dogmática, pois conhecera a matemática moderna e a preferiu em detrimento de um maior envolvimento que poderia levá-lo a perder-se do reto caminho da razão. Ocorre, porém, que Descartes, em seu *Discurso do método*, renovou sua confiança na racionalidade e sua postura cética se constituiu em metodologia para, da incerteza, passar à certeza.

Hume foi principalmente um inimigo do dogmatismo, tanto na ciência como na religião e na moral e, secundariamente, um cético. No *Tratado da natureza humana*, seu ceticismo esteve a serviço da epistemologia e ele combateu com êxito a indução ao afirmar que a crença de que o futuro será como o passado é irracional. Ao mesmo tempo, reconhece o hábito mental da crença no princípio da uniformidade da natureza como parte da natureza humana e, assim, impossível de abandonar, apesar de injustificável racionalmente. Logo, a indução não pode ser racionalmente justificada sem o princípio da uniformidade da natureza. Ocorre que o referido princípio não pode ser justificado, pois não há argumento indutivo ou dedutivo que o sustente: trata-se de um princípio e a indução redundaria em circularidade enquanto a dedução não pode ser inferida, seja de verdades *a priori*, seja de observações empíricas. Logo, racionalmente não se pode inferir o que quer que seja sobre o futuro e mesmo as generaliza-

³ Carnéades teve como mestres Hegesiano e Diógenes e deve ter lido os escritos de Crisipo. Tornou-se célebre pelos argumentos que opunha ao dogmatismo dos estoicos e que foram conservados sobretudo por Cícero e Sexto Empírico, que recordam tradições orais, visto que Carnéades nada escreveu.

ções estão sujeitas a esse veredito.

Kant aceita uma relação mais profunda e maior imbricação entre a especulação cética, a crítica e os resultados positivos em seu sistema. Sua clássica distinção entre *numenon* e *fenômeno* na *Crítica da razão pura* é uma divisão do céu da existência entre o cognoscível e o incognoscível. Mas Kant tratou de garantir que o controle estivesse sob a guarda da razão, e, com a doutrina do método, distingue o que é legítimo do que não o é, ao determinar o campo das categorias delimitando os objetos do conhecimento como sendo a matéria da experiência ordenada por tais categorias. Então, a adequação entre o entendimento e os fenômenos ocorre na conformidade entre o entendimento da sensibilidade e as categorias do entendimento; dessa forma, a verdade do conhecimento coincide com a verdade do ser conhecido. Em Kant, o ceticismo presente é moderado, menos fantástico do que em Descartes, mas mais do que em Hegel. Kant, à luz de Hume, abriu as portas ao falibilismo.

Hegel pretendeu extrair mais da relação com o ceticismo ao introduzi-lo na sua arena teórica para que sua destruição trágica no último ato completasse a superação das particularidades e, assim, a razão redundasse absoluta. Na *Fenomenologia do espírito* não há mais um ceticismo moderado e sim o ceticismo integral. Nessa obra a abordagem hegeliana da metaepistemologia dá conta de que o par sensível e inteligível constitui uma unidade. Sua concepção de verdade filosófica unifica os momentos de sua própria constituição, presentes enquanto verdade formal, não-contradição e verdade concreta, existência singular. A falsidade está presente como momento anterior à síntese e, na sua *Enciclopédia das ciências filosóficas*, a falsidade será suprimida com a identificação entre verdade e filosofia. O verdadeiramente real é o efetivo, a realidade conforme apreendida conceitualmente, mas a teoria se diferenciou do erro e agora se apresenta como verdadeira, esse o processo contínuo do ser ao aparecer, de volta ao ser e assim sucessivamente, até alcançar a identidade abstrata no espírito absoluto. Com o intuito de superar o ceticismo, Hegel insere-o integralmente em seu sistema e mantém uma hipótese metafísica de que não há rompimento ou estagnação até a identificação final, quando os momentos constitutivos da verdade são superados em um todo absoluto e verdadeiro. O problema que daí surge, não para Hegel, mas para a

filosofia que pretende explicar essa teoria da verdade com o auxílio do ceticismo, é: a totalidade verdadeira compreende todos os objetos, ou são os objetos enquanto formadores de uma totalidade, ou se trata da totalidade dos juízos sobre a totalidade dos objetos, ou, ainda, o todo verdadeiro é um juízo absoluto sobre um objeto absoluto? A última formulação, contudo, parece ser a mais conseqüente, pelo menos se considerarmos que todos os juízos que guardam alguma particularidade se universalizam em um juízo total.

Karl Popper, um kantiano preocupado principalmente com a epistemologia, pôs em marcha uma filosofia falibilista que não se atreve a afirmar o todo como racional e efetivo nem mesmo que todo o efetivo é racional. Ao se declarar um opositor oficial do positivismo lógico do Círculo de Viena, com *A lógica da pesquisa científica* analisou os motivos da crise do neopositivismo e apontou o abandono das “grandes questões” (*great problems*) como responsável pela deficiência filosófica presente nas teorias dos membros do círculo. Os problemas da ordem do ser, sua origem e destino, de ordem metafísica, foram rechaçados em bloco pelo Círculo e, para o falibilismo popperiano, somente formas determinadas de metafísica deveriam ser abandonadas: aquelas que não fossem passíveis de crítica metodológica e epistemológica. Seu profundo reconhecimento da legitimidade de um ataque cético faz com que não afirme senão o que considera livre de tal risco. Sua filosofia não exige que a crítica seja unicamente interna ao sistema, aos moldes das doutrinas, seu universo teórico é aberto e se dispõe à interlocução com qualquer escola. Assim, fala de verdade, mas como inatingível e como idéia reguladora; fala de falsidade, mas como fruto de julgamentos coletivos e temporalmente determinados; fala de dogmatismo como o que deve ser vencido e de ceticismo como apresentador dos grandes enigmas aos quais a razão deve buscar respostas. É também graças ao papel fiscalizador do ceticismo que o homem evita teorias eternas, subordinando-as ao tempo, quando, se bem-sucedidas, terão, no máximo, certa perenidade. Ele fala de razão como filosofia constantemente comprometida em conjecturar novas respostas e testá-las na realidade, frutificando ciências em interminável e total reconstrução. Racionalismo e realismo compõem os pilares da epistemologia racionalista crítica que,

enquanto realista, pretende dar conta do mundo e, enquanto filosofia, pretende ser não-contraditória. A relação dialética implicará que ambas se superem mantendo-se em uma constante relação de incompletude e individualidade reconstruída na busca de respostas aos enigmas do mundo, mas cientes da provisoriedade dessas conjecturas. Para enfrentar o problema já presente na antigüidade clássica e na escolástica, da relação entre o intelecto e as coisas, Popper lança mão da concepção de metalinguagem formulada por Alfred Tarski em *Truth and proof*. A metalinguagem contém a linguagem-objeto e, assim, pode tratar das coisas físicas e do que elas enunciam. Mas Popper sabia que, ao defender a noção metalingüística tratando do que se afirmava sobre o fenômeno, não estava referindo-se ao fenômeno mesmo e que o ataque cético viria com a afirmação de que também os conceitos são problemáticos e, conseqüentemente, com a acusação de que não há vantagem em relação ao fenômeno. Assim, a metalinguagem, igualmente, está sujeita ao ceticismo.

Ocorre que, na relação entre o fenômeno e a asserção sobre o fenômeno, não é possível evitar o ceticismo. Uma linguagem enriquecida, entretanto, contém a linguagem-objeto e se refere diretamente aos fenômenos, estando em condições de relação conceitual com as demais asserções, será possível, então, a aplicabilidade do princípio da não-contradição. A aplicabilidade de tal princípio somente efetivar-se-á se for resguardado o importante papel do ceticismo que, ao desacomodar as certezas e demonstrar as contradições presentes no discurso sobre o mundo, cria as condições para a formulação de inéditos problemas teóricos. A razão, obrigada a intuições ricas para conjecturar soluções potenciais, sempre estará desafiada pelo ceticismo.

Historicamente, a verdade foi estudada de diversas maneiras pela filosofia. A preocupação com a natureza da verdade invoca a metafísica, já o problema da preservação da verdade é de ordem lógica, enquanto o problema do conhecimento da verdade é tarefa epistemológica. Popper respondeu a esses problemas afirmando que a verdade, em sua epistemologia, funciona como idéia reguladora da correspondência entre a asserção e aquilo a que a asserção se refere; que nunca seremos capazes de demonstrar a verdade de uma teoria importante; e que o princípio

da não-contradição aristotélico deve ser respeitado por quem quer que pretenda teorizar racionalmente. Ao problema epistemológico do conhecimento da verdade, ele forneceu a seguinte formulação: “‘o copo está sobre a mesa’ é verdade se, e somente se, o copo está sobre a mesa”, ou seja, se há correspondência entre a asserção e a situação mencionada na asserção. Não há nisso influência confirmabilista dos sentidos, nem é um convencimento subjetivo, uma crença, trata-se de uma verdade que pode ser objetivamente afirmada, devendo poder ser partilhada intersubjetivamente, com o auxílio de raciocínios e cálculos, mas, principalmente com a crítica, como teste eliminatório. Uma tal verdade somente pode ser alcançada em linguagens muito restritas e, por isso, na grande maioria dos casos, ela se mostra inatingível. Em linguagens complexas, por tratar-se de uma verdade absoluta, tal noção somente funciona como idéia reguladora. Um grande problema filosófico é se uma teoria da verdade deve ser deflacionária, considerando a verdade um instrumento da linguagem, ou exaustiva, quando se estabelecem os portadores de verdade, ou seja, as condições segundo as quais a verdade pode ser afirmada.

Em ciência, somente podem ser portadores de verdade as asserções declarativas. Sentenças que afirmam algo sobre o mundo. Contudo, a verdade, mais amplamente, congrega um leque de possibilidades cujos extremos são as tautologias e as autocontradições. As asserções popperianas que aspiram à verdade são conjecturais, são entidades abstratas, expressas em proposições, mas não são defendidas por crenças ou afirmadas em juízos. Elas contam com a capacidade racional de apreender ou entender as manifestações da linguagem nela presentes e, à luz da incapacidade de refutação, ser aceitas como verdadeiras provisoriamente.

Diferentemente de uma verdade analítica, quando, em uma asserção, o predicado está contido no sujeito, como exemplificou Kant com a conhecida asserção “todos os corpos são extensos”, a formulação para a qual o falibilismo irá dar crédito é aquela que resulta da relação entre verdade formal, material e sintética e, assim, relaciona o universo da linguagem com o universo da realidade. Ao produzir a adequação material de sua concepção formal de verdade, Tarski atingiu a

condição para afirmar a possibilidade de uma verdade de ordem sintética. Ele reabilitou, com instrumental formal, a concepção de verdade correspondencial, ou seja, ele demonstrou a consequência dos procedimentos que, partindo de axiomas e postulados, estabelecem regras de inferência e alcançam conclusões necessariamente verdadeiras. Como a demonstração da verdade somente é possível em linguagens artificiais sem complexidade, Popper concebeu a adequação material e, deste modo, a ordem sintética de que ele lançou mão para a sua epistemologia crítica.

Uma e outra, crítica e razão, em um constante embate que as valoriza e produz um universo epistemológico cujo pensamento que dele nasce encontra no risco de morte o sentido e a regra da existência. O mundo objetivo de idéias e problemas teóricos constitui o fruto dessa relação e, ao mesmo tempo, o rastro impresso pela humanidade para perenizar a presença e para ancorar a inconstância da afirmação do saber e da fragilidade de sua pretensão. Assim, o reconhecimento das carências torna a desafiar sempre, submetendo a verdade a novas provas. Os testes, as provas de vida e morte, a que as teorias são submetidas cotidianamente, são rituais de passagem para um amadurecimento que, assim como na vida, não garante perenidade. Nenhuma conquista garante sucesso futuro, a próxima prova pode ser a derradeira e a teoria específica, que oferecia uma solução tentativa a um problema, pode ter o seu fim; porém, a fonte não perecerá juntamente com sua cria, a teoria accidental. A fênix crítica revive por determinação da implicação histórica entre ceticismo e discurso pretensamente verdadeiro, para, no falibilismo, com suas lágrimas curativas, impedir o fim do homem, salvando-o do dogmatismo. Se, para Diógenes Laércio, o ceticismo implicava sempre examinar e nunca encontrar, Popper é um cético moderado, pois seu ceticismo é falibilista e, diferentemente da escola pirrônica, ele defende uma concepção epistemológica preocupada em descobrir, entender, examinar, apenas e tão-somente de forma provisória, para, em seguida, fixar-se novamente na indagação. Indagação vista não como um fim por si só, mas como parte tão importante quanto a apresentação de respostas às interrogações. Popper afirmou que os habitantes mais ilustres do mundo objetivo são os problemas filosóficos, não as respos-

tas. O falibilismo é responsável pela postura crítica em relação a qualquer possibilidade de verdade, pela inconformidade com qualquer sistema explicativo que pretenda absolutizar as visões de mundo ou os conhecimentos particulares e, ao mesmo tempo, persegue a idéia regulativa da verdade. Se o ceticismo, em toda a história do pensamento ocidental, foi o princípio motivador da transformação filosófica e, portanto, das respostas pretensamente verdadeiras aos grandes enigmas da existência, agora ele não é mais o mal, satanizado, que precisa ser eliminado. O falibilismo, ao mesmo tempo em que é uma forma de ceticismo moderado é também um dogmatismo moderado, isto é, se interessa pela dúvida e também pela verdade, entretanto não se limita a uma ou outra perspectiva, pois, ao integrar e superar a contradição entre ambos, realiza uma síntese dialética entre dogmatismo e ceticismo. Reconhecemos que somos filhos desse exótico e contraditório par conceitual que encontra na diferença a fonte nutriz da prole filosófica que se multiplica com extrema rapidez e, novamente, diz respeito a todas as áreas teóricas.

ABSTRACT: *Objectively, dogmatism and skepticism are the extremes that make up the limits of the field in which the most productive examinations take place. Extreme skepticism is the very renunciation of any form of theoretical security and it always supports the uselessness of debate. Extreme skepticism cohabits dogmatic universe, carrying a special kind of certainty that ensures no satisfactory response to the puzzles of the world. extreme dogmatism cohabits skeptical universe, carrying a special kind of disbelief on the existence of unfathomable puzzles to thought. In this universe, how can one decide for acceptance or otherwise of propositions? Which, among them, are the real ones? Falibilism claims to have advanced on these issues. It assumes the critical posture that denies any possibility of truth while, at the same time, pursues the idea of regulatory truth. If skepticism, throughout the history of western thought, was the motivating principle of philosophical transformation and therefore of the supposedly real answers to the great enigmas of existence, now it's no longer the evil that must be eliminated. We recognize falibilismo as a synthesis of this exotic*

and contradictory conceptual pair which finds difference at the very source that feeds philosophy.

Keywords: *Dogmatism. Truth. Skepticism. Falsifiability.*

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. **A cidade de Deus:** contra os pagãos. Tradução de Oscar Paes Leme. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2003.

ALBERT, H. **Tratado da razão crítica.** Tradução de Idalina Azevedo da Silva, Erika Gudde, Maria J. P. Monteiro. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1976.

ARISTÓTELES, **Metafísica:** ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentários de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____, **Organon:** analíticos anteriores. Coleção filosofia e ensaio. Tradução de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.

DESCARTES, R. **Discurso do método.** Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HEGEL, F. W. **Fenomenologia do espírito.** Tradução de Paulo Menezes. Petrópolis-RJ: Vozes/Bragança Paulista: USF, 2002.

_____, **Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio.** Tradução de Paulo Menezes. São Paulo: Loyola, 1995.

HUME, D. **Tratado da natureza humana.** Tradução de Déborah Danowski. São Paulo: Imprensa oficial/Ed. Unesp, 2001.

KANT, I. **Crítica da razão pura.** Tradução de Valério Rohde e Udo B.

Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

LAKATOS, I. **Falsificação e metodologia**. Tradução de Emília Picado Tavares Marinho Mendes. Lisboa: Edições 70, 1999, 207p.

LUFT, E. **Sobre a coerência do mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, 158 p.

POPPER, K. *Objective knowledge: an evolutionary approach*. Revised edition. New York: Oxford University Press, 1979.

_____, *The logic of scientific discovery*. London and New York: Routledge Classic, 2002.

TARSKI, A. 'Truth and Proof', *Scientific American*, June 1969, 63-77.

THOMAS DE AQUINO, *Suma teológica*. Tradução de Alexandre Correia. São Paulo: Salesianas, 1961.

WATKINS, J. W. N. *Science and scepticism*. London: Hutchinson, 1984.